

RUIZ, Ricardo Navas. *Ser y Estar Estúdio Sobre el Sistema Atributivo del Español*, Salamanca, Acta Salamanticensia 1963.

SACONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática*, 1ª. ed., São Paulo, Moderna 1979.

○ modo subjuntivo no português do Brasil e no alemão*

Eva Glenk**

Iris Kurz Gatti***

Abstract: For the learners of Portuguese and German as foreign languages the subjunctive mood represents a learning problem. Based on syntactic and pragmatic categories, the subjunctive is classified in a way that describes its use and permits the comparison between the Portuguese *subjuntivo* and the German *Konjunktiv*.

Keywords: Contrastive Linguistics; subjunctive mood; German; Portuguese

Zusammenfassung: Für Lernende des Portugiesischen bzw. des Deutschen als Fremdsprache stellt der Konjunktiv eine Lernschwierigkeit dar. Ausgehend von syntaktischen und pragmatischen Kategorien wird hier versucht, eine Klassifikation des Konjunktivs durchzuführen, die seinen Gebrauch beschreibt und einen Vergleich des portugiesischen *subjuntivo* mit dem deutschen Konjunktiv ermöglicht.

Stichwörter: Kontrastive Linguistik; Modus Konjunktiv; Deutsch; Portugiesisch

Palavras-chave: Linguística Contrastiva; modo subjuntivo; alemão; português

* O presente trabalho é uma versão de uma palestra apresentada no âmbito da VIII Semana de Língua Alemã, na USP, São Paulo, em maio de 1999, e de outra, no Encontro "Forschungsergebnisse und ihre Vermittlung in der Graduação", na UNISINOS, São Leopoldo, RS, em junho de 2000. Foi desenvolvido a partir de um trabalho de Iniciação Científica (FAPESP).

** Eva Glenk é professora doutora da Área de Alemão da Universidade de São Paulo.

*** Iris Kurz Gatti é mestranda em Língua Alemã na Universidade de São Paulo, e bolsista CAPES.

1. A problemática

Tanto para os aprendizes do português do Brasil quanto para os do alemão como línguas estrangeiras, o modo subjuntivo representa uma fonte de erros e incertezas no processo de aprendizagem. Isto não surpreende, quando se analisa o seguinte quadro, que mostra as traduções de frases em alemão com o verbo no modo subjuntivo ou indicativo para o português:

Quadro 1:

Wenn er öfter mit seinem Hund spazieren ginge, wäre er nicht so dick.	(KII,KII)
Se fosse passear mais vezes com seu cachorro, não seria tão gordo.	(S,FP)
Wer zu lange in der Sonne bleibt, bekommt einen Sonnenbrand.	(I,I)
Quem fica muito tempo ao sol, se queima./	(I,I)
Quem ficar muito tempo ao sol, queimar-se-á.	(S,I)
Würdest du mir bitte das Buch geben?	(KII)
Você me daria o livro?	(FP)
Könntet ihr uns bei den Aufgaben helfen?	(KII)
Poderiam nos ajudar com as tarefas?	(FP)
Er tut so, als ob er der Lehrer wäre.	(I,KII)
Ele age como se fosse o professor.	(I,S)
Sie sagt, er sei ein netter Mensch.	(I,KI)
Ela diz que ele é um cara legal.	(I,I)
Er dürfte gestern schlecht geschlafen haben.	(KII)
Ele deve ter dormido mal ontem.	(I)
Er behauptet, dass er sie nicht gesehen habe.	(I,KI)
Ele afirma que não a teria visto./que não a tinha visto.	(I,FP/I)
Gott sei Dank!	(KI)
Deus seja louvado!	(S)

Vielleicht kommt sie.	(I)
Talvez ela venha.	(S)

Er braucht eine Sekretärin, die Englisch kann.	(I,I)
Ele precisa de uma secretária que saiba inglês.	(I,S)

(I = modo indicativo em alemão ou em português, *KI* = *Konjunktiv I*, *KII* = *Konjunktiv II*, *S* = subjuntivo, *FP* = futuro do pretérito¹)

Estes exemplos foram extraídos de um corpus de ocorrências de subjuntivo e futuro de pretérito em português, e de *Konjunktiv* em alemão, elaborado por GATTI (1999).

Obtivemos a seguinte distribuição de possibilidades de tradução do alemão para o português:

<i>KII</i> - I	<i>KI</i> - I	<i>I</i> - I
<i>KII</i> - S	<i>KI</i> - S	<i>I</i> - S
<i>KII</i> - FP	<i>KI</i> - FP	<i>I</i> - 0

Isto significa que tanto formas de *Konjunktiv II* quanto formas do *Konjunktiv I* podem ter que ser traduzidas por verbos no **indicativo**, no **subjuntivo**, ou ainda, pelo **futuro do pretérito**, que destacamos como uma forma à parte, já que, mesmo sendo classificado tradicionalmente como pertencente ao modo indicativo, representa uma possível equivalência para o *Konjunktiv* em alemão. Unicamente o *Indikativ* pode ser traduzido apenas por verbos no modo indicativo ou subjuntivo mas não pelo futuro do pretérito.

Invertendo o foco, temos o **indicativo** em português podendo ser traduzido pelo *Indikativ*, *Konjunktiv I* ou *Konjunktiv II*; e o **subjuntivo** também traduzido pelo *Indikativ*, *Konjunktiv I* ou *Konjunktiv II*. Apenas o **futuro do pretérito** apresenta uma restrição em relação ao *Indikativ*.

Como apresentar esse pandemônio de modo sistematizado ao aprendiz? Quais as categorias que permitem uma abordagem do assunto, partindo de um conceito lingüístico único, fundamental tanto para o modo subjuntivo do português quanto para o do alemão? Chegamos à conclusão de que não existe uma categoria única que

¹ Quanto à classificação dos modos subjuntivo e indicativo nos atemos aqui às gramáticas DUDEN (1995 e 1998) para a língua alemã, e CUNHA (1985) e CUNHA/CINTRA (1985) para a língua portuguesa.

permita a comparação entre o subjuntivo e o *Konjunktiv*, mas sim um **conjunto de categorias** que pode servir de ponto de partida para uma comparação.

Uma primeira análise do *corpus* mostrou que o modo subjuntivo não pode ser limitado a determinados tipos frasais, mas que, para uma abordagem contrastiva, podem ser destacados os seguintes grupos:

- I. As orações independentes
- II. O grupo das orações substantivas e das adjetivas
- III. As orações adverbiais: condicionais, concessivas, comparativas, finais, consecutivas e temporais
- IV. O discurso indireto

Neste trabalho focalizaremos apenas as **orações independentes, as substantivas e as adjetivas**, deixando de lado as orações adverbiais – que seguem regras sintáticas relativamente bem descritas pelas gramáticas das duas línguas – e o discurso indireto. O discurso indireto apresenta apenas em alemão o uso do modo subjuntivo; o português utiliza-se geralmente do indicativo ou do futuro do pretérito. O *Indirektiv (Konjunktiv I)*, como foi chamado por WEINRICH (1993) em oposição ao *Restriktiv (Konjunktiv II)*, em sua função de sinalizador do discurso indireto, representa, no entanto, um tema que foge ao escopo deste trabalho.

Lembrando o quadro acima, que mostra a impossibilidade de estabelecer equivalências inequívocas entre as diversas formas, fica evidente que uma descrição do modo subjuntivo no alemão e no português não pode se limitar apenas a uma análise morfo-sintática. A análise morfológica resulta em longas listas de formas verbais, que opõem os verbos no subjuntivo aos verbos no indicativo. A análise sintática das frases nas quais ocorre o modo subjuntivo oferece apenas no caso das orações adverbiais uma resposta à pergunta de quando e como usá-lo.

No caso dos grupos I e II faz-se necessária uma abordagem baseada não somente na análise sintática, mas também em critérios semânticos e pragmáticos – conceitos que servem para a descrição do subjuntivo tanto em português quanto em alemão – para produzir uma explicação funcional do fenômeno “modo subjuntivo”.

2. As categorias subjacentes à descrição do subjuntivo

O objetivo da aprendizagem de uma língua estrangeira não é, em primeiro lugar, o de reproduzir estruturas gramaticais e lexicais mas o de adquirir competência

comunicativa. O falante competente apenas se utiliza das estruturas lingüísticas para alcançar os seus objetivos na interação verbal. A aprendizagem de estruturas gramaticais e lexicais, portanto, deve ser subordinada ao desenvolvimento desta competência. (cf. também MOTSCH 1992: 56).

A ação comunicativa baseia-se em formas sociais, elaboradas com determinada finalidade, adaptadas institucionalmente e organizadas de maneira complexa, os *Sprechhandlungsmuster*, os **padrões de interação verbal**, que precisam ser levados em consideração na descrição de estruturas gramaticais e lexicais, o que, na avaliação de lexicógrafos e gramáticos nem sempre ocorre. Assim lamentam ZIFONUN/HOFFMANN/STRECKER que, embora a idéia pragmática tenha sido amplamente difundida na lingüística, freqüentemente não se reconheceu sua importância para a teoria lingüística. (cf. ZIFONUN/HOFFMANN/STRECKER 1997: 99).

Um número crescente de gramáticas levam, no entanto, essa concepção de língua em consideração. Especialmente no âmbito do modo não há como fugir de uma abordagem pragmática. Se isto se aplica a **gramáticas de língua materna**, vale ainda mais para **gramáticas de língua estrangeira**, que precisam possibilitar o resgate das informações sobre o ‘padrão de interação verbal’. Uma **gramática contrastiva** deve além disso estabelecer categorias comuns às duas línguas que permitam uma comparação, e que sejam tão amplas quanto necessário e tão restritas quanto possível.

2.1. As categorias em diversas gramáticas

As explicações encontradas em diversas gramáticas procuram especificar a função do modo subjuntivo; fazem isso, no entanto, às vezes de maneira bastante inespecífica, às vezes com termos emprestados do cotidiano: ‘restringir a validade de uma afirmação’ (WEINRICH 1993: 248, 261); encarar “a existência ou não existência do fato como uma coisa incerta, duvidosa, eventual, ou, mesmo, irreal” (CUNHA 1985: 442).

A classificação baseada em critérios pragmáticos encontrada em DUDEN (1998: 158ss) parece uma das mais conseqüentes do ponto de vista funcional. Trata-se de uma descrição do *Konjunktiv* subdividida em três grandes grupos funcionais (*Funktionsbereiche*): o primeiro grupo abrange **Aufforderung und Wunsch** (solicitação e desejo), expressos pelo *Konjunktiv I*; o segundo **Irrealität und Potentialität** (irrealidade e possibilidade), expressas pelo *Konjunktiv II*, e o terceiro **Indirekte Rede** (o discurso indireto). Neste caso, categorias pragmáticas são atribuídas indissoluvelmente a categorias morfo-sintáticas. O recorte feito do ponto de vista morfo-sintático, porém, não leva somente a pequenas inconsistências (o aparecimento de um desejo expresso pelo *Konjunktiv II* pertencente ao grupo II, por exemplo, sendo que

desejo pertence por definição ao grupo I), mas impossibilita o estabelecimento de equivalências entre o alemão e o português, já que não há equivalência no uso das formas correspondentes entre as duas línguas, como pudemos observar no quadro apresentado na introdução deste trabalho, isto é: nem sempre um subjuntivo em português é traduzido por um *Konjunktiv* em alemão, como tampouco todos os *Konjunktive* em alemão são traduzidos pelo futuro do pretérito do português, por exemplo.

2.2. Definição de categorias

Nosso objetivo é, portanto, definir categorias que incluam, da maneira mais econômica possível, todas as informações necessárias para que um aprendiz do português, respectivamente do alemão como línguas estrangeiras possa optar na sua produção lingüística pelo uso adequado do modo subjuntivo, do futuro do pretérito ou do indicativo.

A nosso ver, as categorias pragmáticas DESEJO e PROBABILIDADE representam o eixo comum às duas línguas. O segundo parâmetro é dado naturalmente pela classificação básica em quatro grupos, descrita na parte introdutória deste trabalho.

O subjuntivo é um modo e como tal modifica a proposição semântica e a força ilocutória da frase. O exemplo (1) ilustra a categoria da PROBABILIDADE:

(1) *Jürgen wäre ein guter Chef.*

O uso do *Konjunktiv* modifica a proposição básica da seguinte maneira:

a) não é um fato (*nicht faktisch*) que (*sein (Jürgen, ein guter Chef)*) – a negação, no entanto, seria também um meio para expressar o não-ser-um-fato. O *Konjunktiv* expressa mais do que isso:

b) o falante acha provável que (*sein (Jürgen, ein guter Chef)*)

À categoria PROBABILIDADE pertencem, entre outras, as seguintes forças ilocutórias: AVALIAR uma proposição quanto a sua possibilidade/probabilidade, SUPOR, DUVIDAR, LEVANTAR HIPÓTESES. A possibilidade é compreendida como subitem da probabilidade.

Um exemplo para a categoria do DESEJO é a seguinte frase:

(2) *Wäre sie doch da!*

O uso do *Konjunktiv* modifica a proposição básica e a força ilocutória da seguinte maneira:

a) não é um fato que (*sein (sie, da)*)

b) o falante deseja que (*sein (sie, da)*)

Da categoria DESEJO fazem parte as seguintes forças ilocutórias: DESEJAR, SOLICITAR, PEDIR, SUGERIR, PROPOR.

Aplicando ao *corpus* o conjunto de categorias, formado pelas categorias funcionais DESEJO e PROBABILIDADE e as categorias sintáticas oração independente, orações subordinadas substantiva e adjetiva, obtivemos os tipos de uso do subjuntivo, do *Konjunktiv* e do futuro do pretérito como formas de expressão do modo subjuntivo, descritos no seguinte capítulo.

3. Os tipos de uso do subjuntivo

As ocorrências de subjuntivo foram divididas em: orações independentes, subordinadas substantivas e adjetivas, seguindo a gramática tradicional.

Com relação ao aspecto pragmático, chegou-se a duas grandes categorias pragmáticas expressas pelo subjuntivo: DESEJO e PROBABILIDADE.

O resultado da sobreposição da classificação sintática e das categorias pragmáticas levou à definição de 6 tipos de uso do subjuntivo no alemão e no português, que serão apresentados aqui. Os tipos 1 e 2 são: DESEJO e PROBABILIDADE em orações independentes. Estes dois tipos terão que ser subclassificados da seguinte maneira: os tipos 1a e 2a são DESEJO e PROBABILIDADE em orações independentes com o subjuntivo em português em todas as orações, e o *Konjunktiv* em alemão em algumas; os tipos 1b e 2b são DESEJO e PROBABILIDADE em orações independentes com o *Konjunktiv* em alemão e o futuro do pretérito em português. Os tipos 3 e 4 são DESEJO e PROBABILIDADE em orações subordinadas substantivas; os tipos 5 e 6, DESEJO e PROBABILIDADE em orações subordinadas adjetivas. As orações adverbiais e o grande grupo do discurso indireto não serão abordados aqui.

² Os exemplos foram parcialmente extraídos do *Corpus* de ocorrências de subjuntivo no português e no alemão, apresentado em GATTI (1999).

3.1. Subjuntivo em orações independentes

Há dois tipos de subjuntivo em orações independentes, em português. Entende-se como independentes orações autônomas, que possuem sentido próprio, como afirmam CUNHA & CINTRA (1985). Eles observam que certos linguistas negam a existência do subjuntivo independente, explicando-o como efeito do apagamento da oração principal.

Tipo 1a:

O primeiro tipo é **DESEJO nas orações independentes**. Em português há casos iniciados pela conjunção *que*, nos quais é sempre usado o presente do subjuntivo:

Que o episódio ocorrido com o laboratório Schering ~~o~~irva de exemplo para que o mesmo não ocorra com outras fábricas nacionais e multinacionais.

Nos casos iniciados pela conjunção *se*, os tempos verbais usados são pretérito imperfeito do subjuntivo, para indicar um fato hipotético, algo que não aconteceu, mas pode acontecer no futuro:

*Se **pudesse** dar uma espiada no caderno e entender tudinho que está escrito nele.*

e pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, indicando fatos irrealis, que não aconteceram, e, por serem passados, não podem mais acontecer:

*Se eu **tivesse** prestado atenção.*

Para este tipo de uso de subjuntivo em português existem equivalências em alemão. Há orações independentes expressando DESEJO com emprego do modo subjuntivo nos tempos presente (*Konjunktiv I*) e pretérito (*Konjunktiv II*), indicando algo hipotético:

“Dem Autor **sei** Dank...” (DUDEN 1995: 156)

*Wenn sie doch nur **zurückkäme**!*

Um caso especial de DESEJO é o uso do verbo *mögen* no presente. Trata-se de um uso formulaico, visto como um indicador de desejo (WEINRICH: 1993, 265):

*“... und überhaupt **möge** die Freude bei Kindern abgeschafft werden – sie wäre angesichts des Elends in der Welt gänzlich unmoralisch.”*

Nos casos de DESEJO com o verbo no *Konjunktiv II*³, é comum o uso das partículas *doch*, *nur* e *bloß*. Estas orações podem ser introduzidas pela conjunção *wenn*, como no exemplo acima, ou não:

***Käme** sie doch nur zurück!*

Também pode ser usada a forma analítica com o auxiliar *würde*:

***Würde** sie doch nur zurückkommen!*

Com referência a fatos passados (em nossa nomenclatura: irrealis), usa-se o pretérito mais-que-perfeito do *Konjunktiv*:

***Wäre** sie doch nur zurückgekommen!*

Tipo 2a:

O segundo tipo é **PROBABILIDADE nas orações independentes**, que são orações em que se expressa PROBABILIDADE pelo uso do advérbio *talvez*, que requer o emprego do modo subjuntivo:

*Ronaldo talvez não **tenha** idéia do trauma que ele causou à equipe.*

Advérbios como *provavelmente* e *possivelmente*, muitas vezes usados como sinônimos de *talvez*, não exigem, entretanto, o uso do subjuntivo. As principais gramáticas da língua portuguesa não apresentam o uso de subjuntivo com tais advérbios, e tampouco a análise do *corpus* comprova isso.

A PROBABILIDADE também pode ser representada pelo uso da expressão *quem sabe*, como mostra o seguinte exemplo:

*Quanto ao pregoeiro do itinerário [...], fica-se pensando que, se não estivesse no setor de transportes, como um dia esteve El Árabe, quem sabe **optasse** pelo terrorismo.*

³ O *Konjunktiv II* expressa sempre algo irreal na nomenclatura do DUDEN; para nós ele é apenas hipotético, neste contexto, no qual aponta para o presente e o futuro. ‘Irreal’ significa em nossa definição apenas uma possibilidade passada, irrecuperável.

Os tempos verbais que podem ocorrer neste tipo de subjuntivo são o presente do subjuntivo, indicando um fato que ocorre no presente,

Ronaldo talvez não tenha idéia disso.

o pretérito perfeito e o imperfeito, indicando um fato passado,

Ronaldo talvez não tenha tido/ tivesse idéia disso.

e o pretérito mais-que-perfeito, indicando uma ação anterior a outra,

Ronaldo talvez não tivesse tido idéia disso.

Em alemão, num contexto como este não se usa o *Konjunktiv*. DUDEN apresenta advérbios como *möglicherweise* e *vielleicht* usados com o modo indicativo.

Ronaldo hat möglicherweise keine Ahnung, was für ein Trauma er seinem Team verursacht hat.

O *Konjunktiv* seria escolhido apenas em se tratando de uma situação irreal ou hipotética.

Os tipos 1b e 2b serão descritos no capítulo 3.3. O futuro do pretérito como correspondência ao *Konjunktiv II*.

3.2. Subjuntivo em orações subordinadas substantivas e adjetivas

Tarallo afirma que nas orações subordinadas substantivas “a ocorrência do subjuntivo é determinada pelos traços semânticos do verbo da oração principal” (1978: 125). No mesmo sentido Bechara afirma que o subjuntivo nas orações substantivas ocorre “após expressões (verbos, nomes ou locuções equivalentes)” (1975: 340) que possuam determinadas cargas semânticas (ordem, vontade, proibição, desejo, probabilidade, necessidade, etc.).

Tipo 3:

No terceiro tipo de uso de subjuntivo, **DESEJO nas orações substantivas**, encontram-se expressões que indicam DESEJO, que pedem o uso do modo subjuntivo. Abaixo são apresentadas as expressões mais frequentemente usadas:

Esperar que ...

Pedir que ...

Gostar que ...

Lamentar que ...

Sugerir que ...

Pedir que ...

Permitir que ...

Evitar que ...

Impedir que ...

Determinar que ...

Mandar que ...

Ordenar que ...

Exigir que ...

Propor que ...

As expressões formadas por substantivos derivados destes verbos também indicam DESEJO e pedem o uso do subjuntivo:

A esperança de que ...

A sugestão de que ...

É possível elencar outras expressões com carga semântica de DESEJO, por exemplo:

A expectativa é que ...

É importante que .../ Não importa que .../ etc.

É essencial que ...

A idéia é que ...

É bom que ...

Não tem sentido que ...

Há a obrigação de que ...

Não posso dizer que ...

Não há nada de errado em que ...

Compreendo que ...

Torna-se essencial que ...

Seria bom que ...

Os tempos verbais do subjuntivo que podem ocorrer nas orações substantivas são o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o pretérito mais-que-perfeito:

Eu espero que ele venha/ tenha vindo ao encontro.

Eu esperava que ele viesse/ tivesse vindo ao encontro.

Neste contexto, em alemão, segundo EISENBERG (1994) pode ocorrer o uso do *Konjunktiv* no presente, como mostra o exemplo:

"Karl hofft, dass Egon bleiben wolle" (1994:130)

EISENBERG afirma:

"Wer äußert 'Karl hofft, dass Egon bleiben will', setzt die Wahrheit des Komplementsatzes nicht notwendig voraus und kann deshalb statt des Indikativs ebenso den Konjunktiv setzen. Der Konjunktiv Präsens kann immer dann stehen, wenn der Sprecher sich nicht zur Wahrheit des Komplementsatzes bekennen muss." (1994: 130)

DUDEN afirma que nas orações subordinadas de DESEJO pode ser usado o *Konjunktiv I*, quando se trata de uma *"indirekte Wiedergabe eines direkt geäußerten Wunsches, einer direkt geäußerten Bitte oder Aufforderung."* (DUDEN 1998: 158). Exemplo:

"Das AA wünschte, dass irgendwie auch der Deutsche Reichstag durch eine Mitwirkung dabei sichtbar werde." (1998:159)

Todavia, uma pesquisa feita com falantes nativos da língua alemã não apontou o uso do *Konjunktiv* em tais contextos, e sim o uso do *Indikativ*.

Tipo 4:

Ainda em relação às orações substantivas, tem-se o quarto tipo de uso de subjuntivo: **PROBABILIDADE nas orações substantivas**. Nestas orações também há expressões que indicam **PROBABILIDADE**, que pedem o uso do modo subjuntivo:

Supor que ...

Duvidar que ...

Temer que ...

Ter medo de que ...

As expressões formadas por substantivos derivados destes verbos também indicam **PROBABILIDADE** e pedem o uso do subjuntivo:

A suposição de que ...

A dúvida de que ...

É possível elencar outras expressões com carga semântica de probabilidade, como:

Acredito que ... / Não acredito que ...

Acho que ... / Não acho que ...

É possível que ... / Há a possibilidade de que ... / etc.

É provável que ... / Há a probabilidade de que ... / etc.

É comum que ...

A tendência é que ... / Há a tendência de que ... / etc.

É de estranhar que ... / É estranho que ... / etc.

É natural que ...

É extraordinário que ...

Há a chance de que ...

Há a hipótese de que ...

É estranho que ...

É de estranhar que ...

Os mesmos tempos verbais do subjuntivo empregados nas orações de DESEJO podem ocorrer nos casos de **PROBABILIDADE**.

Também num contexto como este, em alemão, EISENBERG mostra o emprego do *Konjunktiv*:

"Karl meint/ glaubt, dass Egon bleibe wolle." (1994: 130)

A justificativa apresentada por EISENBERG para este uso de *Konjunktiv* é a mesma dada em relação às orações que expressam DESEJO. A pesquisa com falantes nativos de alemão revelou, contudo, que também para expressar **PROBABILIDADE** em orações substantivas em alemão se emprega o modo indicativo.

Assim como nas substantivas, nas orações subordinadas adjetivas o uso do subjuntivo também é determinado pela carga semântica da oração principal. Tal carga semântica pode ser de DESEJO ou de **PROBABILIDADE**.

Tipo 5:

O quinto tipo de subjuntivo é: **DESEJO nas orações adjetivas**, em que podem ocorrer os seguintes tempos do subjuntivo: presente e pretérito perfeito, como no exemplo abaixo,

Os ladrões procuram um comprador que pague/ tenha pago US\$ 18 milhões pelas telas.

e pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito, como no próximo exemplo,

Os ladrões procuravam um comprador que pagasse/ tivesse pago US\$ 18 milhões pelas telas.

Segundo DUDEN (1998), em alemão o *Konjunktiv II* pode ocorrer em orações subordinadas adjetivas, mas apenas se elas forem baseadas em uma oração independente irreal ou hipotética. Exemplo:

“(Ich kenne ein gutes Mittel.) Dieses Mittel wäre in der Apotheke zu bekommen.”, torna-se: “Ich kenne ein gutes Mittel, das in der Apotheke zu bekommen wäre.” (DUDEN 1998: 164).

Tipo 6:

O sexto tipo de uso do subjuntivo é **PROBABILIDADE nas orações adjetivas**, em que podem ocorrer os mesmos tempos verbais empregados nas orações adjetivas que indicam DESEJO:

Pode haver um problema que custe milhões à empresa.

Podem ocorrer também os tempos futuro simples e composto do subjuntivo, e, nesse caso, há uma relação de condição entre as orações:

O empresário que aprender/ tiver aprendido a não buscar funcionários mas, sim, um time verá sua produtividade crescer com qualidade.

Num contexto como esse, em alemão, o verbo da oração subordinada pode ocorrer no *Konjunktiv II* somente se ela for baseada em uma oração independente irreal ou hipotética (veja também DUDEN 1998: 164):

Viele Tierarten unternehmen lange Wanderungen und sind deshalb nicht in bestimmte Gebiete eingrenzbar, in denen man sie schützen könnte.

Como já anunciado acima, nosso trabalho se restringe, neste momento, à descrição de DESEJO e PROBABILIDADE nas orações independentes e subordinadas substantivas e adjetivas. Aqui apenas algumas observações breves em torno dos

dois grupos de subjuntivo não abordados. Nas **orações subordinadas adverbiais** o emprego do subjuntivo, em geral, é exigido por conjunções, não tendo valor próprio (CUNHA/CINTRA 1985). Ocorre em orações condicionais, comparativas, concessivas, finais, consecutivas e temporais.

Em alemão, o modo subjuntivo é muito usado no **discurso indireto**. É uma maneira que o produtor do texto tem de se distanciar daquilo que está sendo afirmado, deixando claro que está relatando o discurso de outrem.

Em português, não há emprego significativo de subjuntivo no discurso indireto. Quando se relata o discurso de alguém, usa-se o modo indicativo, e quando se quer deixar claro o distanciamento em relação ao que se afirma, pode-se usar o tempo verbal futuro do pretérito:

Segundo eles, o cidadão estacionaria na vaga do ex-prefeito de Osasco até se decidir por um candidato de verdade.

3.3. O futuro do pretérito como correspondência ao *Konjunktiv II*

Há dois tipos de uso de *Konjunktiv* em alemão que, em português, são expressos com o tempo verbal futuro do pretérito (descritos em nossa classificação como **tipos 1b e 2b**). Isto se deve ao fato de todos esses *Konjunktive* ocorrerem em **orações independentes** que, salvo poucas exceções (vide 3.1.), não permitem o uso do subjuntivo em português.

Tipo 1b:

O DESEJO em alemão pode, além de desejo propriamente dito e já analisado no capítulo 3.1., aparecer como sugestão, solicitação ou proposta.

Na **sugestão** o *Konjunktiv* é usado no pretérito ou, quando irreal, no mais-que-perfeito; sempre, no entanto, no *Konjunktiv II*:

Man müsste in Salzburg etwas Langfristiges für den Nachwuchs tun.

Man hätte in Salzburg etwas Langfristiges für den Nachwuchs tun müssen.

Neste caso, emprega-se, em português, o tempo verbal futuro do pretérito ou futuro do pretérito composto, respectivamente:

O Ministério da Saúde deveria tomar medidas mais severas.

O Ministério da Saúde deveria ter tomado medidas mais severas.

A **solicitação** é outra expressão de DESEJO, em que o *Konjunktiv* é também uma marca de polidez:

Könnten Sie das quantifizieren?

Em português, usa-se o tempo verbal futuro do pretérito:

O senhor poderia quantificar isso?

O DESEJO pode também ser expresso por meio de uma **proposta**:

“Du Karola”, sagte Öttl zu Unterkircher, “im August, wenn schönes Wetter ist, könnten wir mal wandern gehen, oder?”

Irreal:

“Im August hätten wir wandern gehen können.”

Em português:

“Carola”, disse Öttl para Unterkircher, “em agosto, se o tempo estiver bom, nós poderíamos fazer um passeio, né?”

Irreal:

“Em agosto, poderíamos ter feito um passeio.”

Tipo 2b:

A **PROBABILIDADE** em alemão pode ser expressa por meio de uma **avaliação**, em que se usa o *Konjunktiv* no pretérito (ou a forma analítica com *würde*); quando irreal, usa-se o mais-que-perfeito do *Konjunktiv*:

“Für so einen Fundort”, sagt Berger selig, “würden die meisten Paläontologen einen Mord begehen.”

“Für so einen Fundort hätten die meisten Paläontologen einen Mord begangen.”

Também neste caso, emprega-se, em português, o tempo verbal futuro do pretérito ou, quando irreal, o futuro do pretérito composto:

“Por um local desses”, disse Berger satisfeito, “a maioria dos paleontólogos cometeria um homicídio”.

“Por um local desses a maioria dos paleontólogos teria cometido um homicídio.”

A **PROBABILIDADE** em alemão está também presente na **suposição**, em que é empregado o verbo modal *dürfen* no pretérito do *Konjunktiv* (DUDEEN 1995: 95):

Die hochsommerlichen Temperaturen sowie das Sommerozon dürften Herrn Hoffmann-Ostenhof nun endgültig die Sinne verwirrt haben.

Em português, usa-se o tempo verbal presente do indicativo:

As altas temperaturas de verão assim como o ozônio de verão devem ter desorientado definitivamente o senhor Hoffmann-Ostenhof.

A **hipótese** é outra forma da **PROBABILIDADE**. Declara-se algo como possível. O verbo é empregado no pretérito do *Konjunktiv* (ou na forma analítica com *würde*), e no mais-que-perfeito do *Konjunktiv* quando a hipótese é irreal:

Das wäre der Sieg des Politisch-Korrekten.

Das wäre der Sieg des Politisch-Korrekten gewesen.

Em português, emprega-se na **hipótese** o tempo verbal futuro do pretérito, e o futuro do pretérito composto, quando irreal:

Seria a vitória do politicamente correto.

Teria sido a vitória do politicamente correto.

4. À guisa de conclusão

Trata-se de uma primeira sistematização do assunto sob o ponto de vista de um conjunto de categorias que permitem uma comparação efetiva do uso do modo subjuntivo no alemão e no português.

Resumindo as explicações dadas no capítulo anterior, o quadro 2 mostra as possíveis equivalências entre o subjuntivo, o futuro do pretérito e o *Konjunktiv*.

Tipo		Português do Brasil	Alemão
1 a	DIa	P, PI, PMP	KI (presente); KII
1 b	DIb: sugestão solicitação proposta	FP FP FP	KII KII KII
2 a	PIa	P, PP, PI, PMP	I; raro: KII
2 b	PIb: avaliação suposição hipótese	FP I FP	KII "dürfte" KII
3	DSS	P, PP, PI, PMP	I; raro: KI, KII
4	PSS	P, PP, PI, PMP	I; raro: KI (presente)
5	DSA	P, PP, PI, PMP	I; raro: KII
6	PSA	P, PP, PI, PMP, F	I; raro: KII

Explicação das siglas:

1. Coluna da esquerda: DI: DESEJO em orações independentes; PI: PROBABILIDADE em orações independentes; DSS/ PSS: DESEJO/ PROBABILIDADE em orações subordinadas substantivas; DSA/ PSA: DESEJO/ PROBABILIDADE em orações subordinadas adjetivas.

2. Coluna do meio: P: presente do subjuntivo; PP: pretérito perfeito do subjuntivo; PI: pretérito imperfeito do subjuntivo; PMP: pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo; F: futuro simples e futuro composto do subjuntivo; FP: futuro do pretérito simples e composto; I: presente do indicativo

3. Coluna da direita: KI: presente, perfeito e futuro do *Konjunktiv (I)*, KII: pretérito e mais-que-perfeito do *Konjunktiv (II)*; formas com "würde"; I: *Indikativ*

O quadro confirma que o modo subjuntivo do português é o modo privilegiado da oração subordinada. Desta forma, não ocorre na oração independente, a não ser para expressar DESEJO, junto com conjunções como "que" ou "se", ou para expressar PROBABILIDADE, junto com "talvez".

Em alemão, o *Konjunktiv* ocorre com muito menos freqüência do que o subjuntivo nas orações subordinadas aqui analisadas (substantivas e adjetivas), e geralmente só como uma forma de citação, de discurso indireto (*Konjunktiv I*), ou paralelamente ao uso do modo subjuntivo na oração principal (*Konjunktiv II*). Em alemão, as expressões de DESEJO ou PROBABILIDADE na oração principal dispensam, na maioria das vezes, o uso do modo subjuntivo na oração subordinada.

O *Konjunktiv* é freqüente na oração principal em que exerce a função de expressar DESEJO ou PROBABILIDADE. Em português, esta é a função do futuro do pretérito, que pertence ao modo indicativo.

Entendemos esse quadro não como um ponto final, mas como um ponto de partida para a pesquisa contrastiva do modo subjuntivo. Esta primeira sistematização permite visualizar as funções pragmáticas e sintáticas do subjuntivo, do futuro do pretérito e do *Konjunktiv*. Além disso, estabelece suas equivalências, facilitando a elaboração de um modelo cognitivo funcional do modo subjuntivo no processo de aprendizagem do alemão ou do português como línguas estrangeiras. Muitas questões intrigantes esperam ainda seu aprofundamento em investigações futuras.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Milton M. *O subjuntivo em português*. Petrópolis, Vozes 1976.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional 1975.
- BUSCHA, Joachim/ ZOCH, Irene. *Der Konjunktiv*. Leipzig, Langenscheidt 1992.
- CUNHA, Celso. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, FAE 1985.
- CUNHA, Celso/ CINTRA, Luís F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira 1985.
- DUDEN. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*. Mannheim/Leipzig/Wien/ Zürich, Dudenverlag 1995 e 1998.
- EISENBERG, Peter. *Grundriss der deutschen Grammatik*. Mannheim/Leipzig/Wien/ Zürich, Dudenverlag 1994.
- GATTI, Iris K. *Relatório Científico FAPESP: Subjuntivo vs. Konjunktiv I, II e III*. São Paulo, USP 1999. Manuscrito.
- MOTSCH, W. "Überlegungen zur Architektur der Textkompetenz." In: KLEIN, W. *Textlinguistik. Zeitschrift für Literaturwissenschaft und Linguistik*. Göttingen 86/1992, 52-66.
- TARALLO, Fernando Luiz. *Introdução ao estudo contrastivo do subjuntivo em alemão e em português*. Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado 1978.
- WEINRICH, Harald. *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim/ Leipzig/ Wien/ Zürich, Dudenverlag 1993.
- ZIFONUN, Gisela/ HOFFMAN, Ludger/ STRECKER, Bruno. *Grammatik der deutschen Sprache*. Berlin/ New York, Walter de Gruyter 1997.